

# OS SPORTS

PRIMEIRO ANNO—N.º 31—NUMERO AVULSO 20 REIS

Redacção, Administração, Officinas de composição e Impressão

43, RUA DO SEculo, 43 LISBOA

TELEPHONES: Redacção 1000, Administração 242

DIRECTOR  
**JOSÉ PONTES**

EDITOR—Joaquim das Neves Victal  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA

Sabbado, 14 de Janeiro de 1910

# ILLUSTRADOS

## Foot-ball

Um jogador, depois d'alguns annos da pratica do jogo, habitua-se insensivelmente ás regras, cumpre-as machinalmente, e nem mesmo pensa n'ellas quando joga. Nem o contrario pôde ser, pois a rapidez de decisões, a pressa que é necessaria para proceder d'esta ou d'aquella maneira, durante as phases do jogo, não deixam tempo para hesitações nem para reflectir se as leis permitem ou não permitem tal ou tal procedimento. Os jogadores teem, portanto, de ter as regras, como costuma dizer-se em linguagem corrente, na ponta da lingua. Se isto deve ser assim para o homem que joga, muito mais deverá ser para um *referee*. Porque o erro d'um *player* tem consequencias remediaveis, o erro d'um arbitro pôde porém, ter serias consequencias.

E' por isso que o logar de *referee* é espinhosissimo e é necessario ter-se profundo conhecimento do que é a essencia do jogo, além d'uma aptidão muito especial e que nasce com a pessoa, para poder desempenhar capazmente tal cargo.

Não damos novidade a ninguém dizendo que nós, portuguezes, quasi não temos arbitros dignos d'esse nome. A Associação de Foot-ball de Lisboa, cumprindo o seu dever, tentou, por selecção cuidada, obter um corpo de *referees* decente e pôde dizer-se que os arbitros officiaes da Associação são, com pouquissimas excepções, os melhores que temos. A Associação não escolheu mal. Infelizmente, para ella como para todos nós, os arbitros, com raras, com raras excepções, não são completos,

não são bons, não são mesmo supportaveis alguns.

Poucos são os que se salvam. Dois ou tres. E esses dois ou tres também não são extraordinarios. Porque aquelles que todos reputamos os melhores, temos nós visto decisões e, o que é peor, erros tão crassos que, se a Associação tivesse muito por onde escolher, esses homens nunca mais deviam arbitrar desafios officiaes.

Estas palavras não visam ninguém especialmente, nem são provocadas por qualquer facto que se desse no ultimo domingo, pois os *referees* que arbitraram os desafios d'esse dia portaram-se muito soffriavelmente, vamos lá com Deus. Tudo isto nos foi suggerido apenas pelo que temos visto e ouvido quando se trata da regra de *foot-ball* que mais discutida é entre nós: o *off-side*. Não ha um unico *referee* portuguez que tenha interpretado esta lei a nosso contento.

Todos, sem uma unica excepção, teem commettido erros, quando, no campo, teem de resolver sobre este ponto. Pode ser que alguns conheçam a regra perfeitamente, na theoria. Na pratica não sabem applical-a. Contudo a regra é bem simples e está ha tanto tempo explicada e tão claramente explicada, que nos admira a ignorancia da nossa gente, principalmente d'aquelles que tinham como dever não ignorar um certo numero de coisas. O sr. Carlos Villar traduziu correctamente as regras inglezas contidas na *Referee's Chart*. Quem lê e se livrinho com attenção, poucas duvidas poderá ficar tendo sobre as leis do jogo. Numerozinhos graphicos, tirados tal qual do livro *inglez*, explicam detalhadamente a lei do *off-side*. E' possível que, para quem ignore

as regras esses graphicos sejam pouco claros. Mas com ligeiras explicações, não poderão existir mais duvidas.

Ha dois pontos que queremos frisar principalmente, para provar que é constante o erro dos nossos arbitros, mesmo

## A grande parada cyclista



1. O automovel que conduzia os organisadores—2. A chegada dos cyclistas ao Terreiro do Paço



d'aquelles que tem prosapias de que ninguém sabe mais do que elles, quando se trata de *foot-ball*.

A regra diz claramente a paginas 10 do livro portuguez e a paginas 17 do inglez: «Um jogador pôde estar na posição de *fôra do jogo* sem commetter infracção a esta lei, contanto que, n'essa posição, elle não intervenha por qualquer forma no jogo.»

Os arbitros portuguezes erram sempre n'este ponto, pois mal um homem está na posição de *fôra do jogo*, embora a bola esteja muito longe d'elle, embora esse homem não se mecha nem faça menção de jogar, o apito sôa altivamente e marca-se o *off-side*. Confrange-se-nos o coração sempre que vemos commetter tal asneira! O *referee* só tem o direito de apitar quando alguém passar a bola e esse homem *fizer menção* de jogar. Um outro contra-senso estranho dos nossos *footballers* é interpretarem a regra como acabamos de explicar e, tambem, julgarem e dizerem que o jogador está *off-side* desde que toca na bola. Que incoherencia! É claro que o jogador está *off-side* desde que outro homem lhe passa a bola e elle se prepara para a receber e jogar. O *foot-baller* portuguez sabe que estar *fôra de jogo* é ter, entre si e o *goal* adversario, menos de tres jogadores contrarios. Em regra, nada mais sabe a este respeito e o publico vai pela mesma, pelo que se deprehe de ouvir os berros de «*Off-side! Off-side!*» que os *entendidos* soltam, appetlicos, sempre que o apito do arbitro não soou tão depressa como elles, na sua muita *sciencia*, desejariam.

A regra tem varias particularidades que seria talvez fastidioso enumerar e que o espaço de que dispomos não comportaria. Referir-nos-emos, portanto, aquellas que mais frequentemente surgem no decorrer de um *match* e que, justamente, tem sido, á nossa vista, erradamente interpretadas pelos arbitros de alguns *matches* officiaes d'esta época.

A regra é, effectivamente, não ter menos que tres adversarios entre si e o *goal* contrario. Mas ha excepções. Por exemplo:

Um *forward*, A, avança para o *goal* e, passando um dos *backs*, fica só com dois defensores ante si: o *goal keeper* e outro *back*. Com este *back*, porém, se ponha na sua frente e não o deixe *shotar*, A passa *bola para traz*, ao seu collega, o *forward* B, que tambem já tinha passado o outro *back*. A mandou a bola, como se vê, a outro homem que tambem só tinha dois defensores de *goal* na sua frente. Alguns *referees* portuguezes tem feito a asneira de apitar n'esta altura, marcando o *forward* B *off-side*. Vimos fazer este erro no campo de Benfica, ha poucos mezes.

O *forward* A passou a bola *para traz* e B, que a recebeu, estava mais longe do *goal* do que elle. Este faz que B não possa ser considerado *off-side*, embora entre o *goal* e elle só houvesse dois adversarios.

Ha tempos vimos todos os jogadores de um club indignados, por lhes ter sido marcado um *goal* que um adversario metteria, tendo-se collocado junto a um poste e *shooting* logo que ponde agarrar a bola. Os jogadores que protestaram estavam convencidos que esse homem estava *off-side*, laborando todos n'um erro. A bola *fôra* mandada de longe para o *goal*, o *keeper* defeu-deu-a, mas deixou-a junto dos postes.

O tal *forward* contrario, que estava junto do poste, mettu a bola dentro com toda a facilidade. Não estava *off-side*, é claro, embora se tivesse collocado atraz de ambos os *backs*, porque foi um adversario, o *keeper*, o ultimo a jogar a bola. E, n'este caso, nunca um jogador pôde estar *off-side*, porque a lei 6.ª é bem explicita: «Um jogador não está *fôra de jogo*... quando a bola foi jogada em ultimo lugar por um adversario... etc.»

Esta regra dava assumpto para largas divagações, mas o pouco que dissimos e que ninguém devia ignorar, já dá idea das muitas asneiras que se vão commettendo sempre que ha *matches* officiaes ou não officiaes.

MA-FAMA.

## Tempos idos

Um grupo de estroinas que mergulha no lago do Campo Grande

A festa de cyclistas realisada no ultimo domingo sob o patrocinio da União Velocipedica Portugueza, fez-me recordar, para os meus *Tempos idos*, um caso succedido precisamente n'um dia, em que, ha annos, passava o anniversario d'aquella aggrégiação sportiva, que, como de costume, o festivo se effectuou no Hotel Francfort, esteve, na verdade, animadissimo, correndo, ao *loast*, o *champagne* a ródos, e ficando uma boa parte dos convivas entre as *des e onze*, apesar do festim ter acabado cerca da uma da madrugada.

Com um d'esses grupos me juntei eu á saída do hotel e com elle fui para o conhecido Restaurante Floresta, no largo do Camões, ao lado do Martinho, onde começámos de novo a bebericarmos, principalmente n'uma maldita canna branca brasileira que eu não quero acimar de veneno, mas que, na realidade, era capaz de queimar os fígados e esquentar os miolos a um leão.

Posta a sociedade na rua, quasi á força, subíamos o Chiado, quando fomos abordados por um grupo de gentis raparigas do mundo bohemio, todas hespanholas e acompanhadas por um conhecido pharmaceutico, que, n'quelle tempo, andava gastando loucamente os largos proventos de uma tisana de sua invenção, e que em Lisboa teve grande nomeada.

Roubar as cachopas ao estroina, mettel-as em duas tipóias e mandar rodar para o Campo Grande, foi obra de um momento. Ali chegados—faria um frio de mil diabos—um dos meus companheiros, actualmente um garboso cadete de lanceiros e *sportman* dos mais distinctos, mettu-nos na cabeça um passeio de barco pelo lago, no que estiveram logo de accordo as hes-

tro dias que passei afflictissimo, recebendo a cada hora a noticia de que a rapariga do ataque peorava cada vez mais, que um medico havia diagnosticado um desenlace fatal e que a creatura que a tinha em sua casa estava decidida a ir queixar-se á policia, accusando-me e aos meus companheiros de termos feito a coisa proposadamente, isto é, que tínhamos praticado, nem mais nem menos, do que um assassinio.

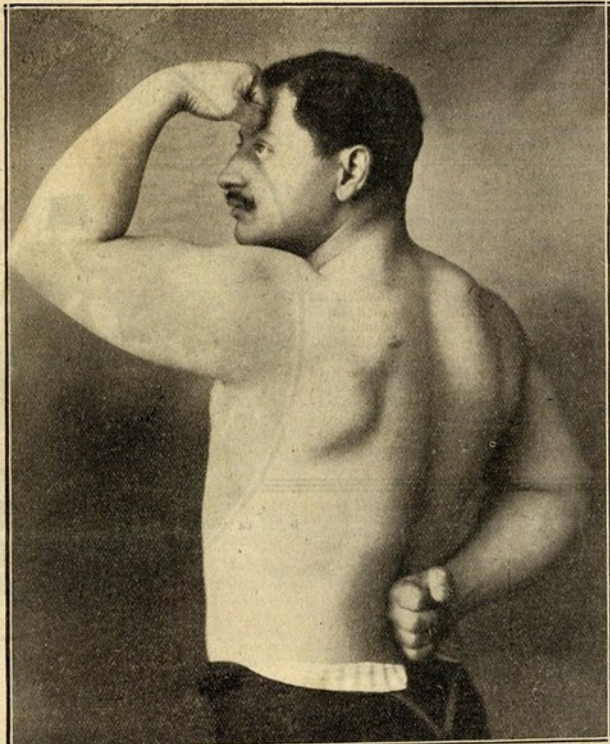
Um assassino, santo Deus! Escuso dizer-te, leitor amigo, que quando recebemos a noticia de que a gentil Amparito estava livre de perigo, tornámos a realizar um banquete, mas d'esta vez sem *champagne*, sem canna branca e sem hespanholas.

BRE-NÔ.

MEXE OU NÃO?

## Ainda a Liga Sportiva

Com grande espanto nosso, não vimos nos jornaes, o resultado da ultima reunião da Liga Sportiva. Não teria reunido apesar de todos os annuncios de reunião?



RUY DA CUNHA

Athleta-luctador portuguez, agora em Lisboa. Formou um primoroso numero de forças combinadas com um volante, J. Silva

panholas, e nós aceitámos, para não haver divergencias.

Armada a troupe n'um dos barquitos, e posto este a singrar á força de remadas puramente sportivas, tantas voltas e reviravoltas se deram no lago, que, por fim, fardos da passeata, e por que o sol vinha já rompendo, deliberámos voltar a terra, para onde, em primeiro lugar, saltou o rapaz atraz mencionado, mas, com tal infelicidade este fez a manobra, que, o barco voltou-eu, e o seu carregamento foi mergulhar ao fundo do lago, rapazes, raparigas, remos e tudo.

Pôde calcular-se o trabalho que deu o salvamento das pobres hespanholas e o estado desgraçado em que todas ficámos, a escorrer como pintos, desde a cabeça até aos pés. N'aquella situação,—no Campo Grande, de mais a mais,—tomámos a deliberação de metter as raparigas no trem, emquanto nós, a passo de gymnastica, como uns fradiqueiros, percorrimos o caminho desde o sitio em que cahimos, até ao restaurante que ficava ao cimo do passeio, e que, por felicidade, estava a abrir as suas portas aquella hora.

O transporte para Lisboa fez-se no mesmo trem, vindo nós embulhados em cobertores, as cachopas a tiritar de frio, e uma d'ellas a braços com uma crise de nervos tão intensa, que parecia morta, os dentes ferrados uns nos outros, os sentidos perdidos.

Ainda hoje me lembro com terror, qua-

Assim parece e esse caminho é mau e errado. Voltamos á antiga e toda a boa vontade de que parecia e-tar animada a direcção d'essa Liga, foi só de pouca dura. E' pena, porque tudo fazia prever, que alguma coisa de bom ia sahir d'uma boa vontade, d'esse esforço de um punhado de rapazes, que, n'um momento de entusiasmo sportivo, tentaram levantar a Liga e fazer alguma coisa de util á causa sportiva.

Mas, como dissemos no nosso primeiro artigo, os enthusiasmos entre nós duram os primeiros momentos, depois vem o desalento, a falta de vontade, e tudo porquê? Porque o trabalho n'aquelles logares não dá honras, não dá glorias, não dá medalhas e não dá victorias.

E aqui, n'esta terra de lindo sol, tudo o que não dá honras não vale a pena d'um esforço e d'um pouco de trabalho.

E' um mal de que todos nós enfermamos e creio para que não ha remedio. Mas ao menos, já que a liga não trata de coisas futuras, resolva as passadas. Cremos que tem em seu cofre o dinheiro sufficiente para mandar fazer as medalhas do ultimo campeonato e que ainda não foram dadas. Mande-as fazer e entregue-as e assim se livrará de uma das suas grandes nodoas antigas, isto já que os seus dirigentes não querem ou não têm a força e boa vontade para continuar a senda, que n'um arranço de entusiasmo, tinham traçado e que deviam percorrer sem exitações, tendo, como têm, compromissos tão grandes a satisfazer

Mas a brandura dos nossos costumes é coisa inveterada no nosso sangue.

N. V.

## Campeões que perdem e re-conquistam os seus títulos

Já n'um dos nossos ultimos numeros relámos largamente a influencia que as derrotas soffridas petos campeões exercem nos animos d'esses homens, que, envolvidos n'uma fama grandiosa que lhes dá honras e fortuna, vêm de subito essa situação de evidencia arrebatada por um rival. Perder o titulo de campeão é motivo de um desgozo, to cuja intensidade é difficil de calcular e cujas consequencias são, os mais das vezes, verdadeiramente desgraçadas.

Mas, nem todos se deixam assim vencer pelo desespero. Tem havido homens que, por um esforço rigoroso e admiravel, tem reconquistado os seus titulos. De tres exemplos nos recordamos nós, tres campeões que foram vencidos e depois souberam recuperar o campeonato. Esses tres homens foram George Dixon, Matty Mathews e Stanley Ketchell, todos jogadores de soccer.

### George Dixon

George Dixon, em 1897, sustentou o titulo de campeão do mundo *welter* de 20 rounds. O *match* foi ajustado para o titulo de campeão do mundo *pesos leves*, condição que todavia era superior, porque, sempre que um campeão encontra um adversario da sua categoria, o titulo está evidente e naturalmente comprometido. O *match* terminou pela victoria de Dolly Smith.

Em vão o *manager* de Dixon se socorreu de todas as subtilidades possiveis para conseguir fazer crer que Dixon não perderia o titulo, mas os factos falavam mais alto, e Smith ficou sendo o campeão do mundo *pesos leves*.

Pouco tempo depois, em maio de 1898, Smith encontrou-se em Coney Island com David Sullivan. Ao quinto round Smith partiu o braço direito, e, não podendo continuar o combate, teve de ceder a victoria e o titulo a Sullivan.

Uma vez Sullivan campeão do mundo, Dixon, desejoso de reconquistar o seu titulo, desafiou-o, ficando decidido que os dois homens se encontrassem no Lenox Athletic Club, em novembro de 1898. O *match* realisou-se e a victoria foi de Dixon, que ao segundo round tinha quasi posto Sullivan *fôra* de combate. O *knock-out* parecia inevitavel. Foi um irmão de Sullivan, Jack Sullivan, quem lhe evitou essa vergonha, conseguindo que o arbitro o desqualificasse.

Dixon entrou, pois, novamente de posse do seu titulo, e conservou-o até ao dia em que cahiu deante de Terry Mc Govan.

### Matty Mathews

Matty Mathews, em abril de 1900, ganhou o campeonato do mundo *welter-weight*, pondo *fôra* de combate, ao fim de 19 rounds, Mysterious Billy Smith, no Broadway Athletic Club.

Pouco tempo se ponde orgulhar do seu titulo, porque em junho seguinte, em Coney Island, foi vencido por Eddie Connolly, ao fim de 25 rounds de um combate terrivel.

Em agosto, Connolly perdeu por sua vez o titulo, sendo posto *knock-out* por Rut Ferns em 5 rounds.

Ferns, então parece mostrar que não receava o antigo campeão, desafiou Mathews e encontrou-se com elle em Detroit, ganhando por pontos ao cabo de 15 rounds.

Ferns, sempre confiado em si, quiz combater ainda com Mathews reconquistar o seu titulo, batendo Ferns em 5 rounds.

Em maio de 1901, Mathews combateu de novo contra Ferns, mas este venceu-o em 10 rounds pondo-o *knock-out*. Foi o golpe de misericórdia na vida de Mathews. Ficou para sempre retirado do numero dos campeões.

### Stanley Ketchell

A Stanley Ketchell succedeu o mesmo. Conquistou o campeonato do mundo *middle weight*, batendo Billy Papke por pontos em 10 rounds, em Milwaukee em junho de 1908. Perdeu o campeonato em setembro do mesmo anno, sendo batido pelo mesmo Billy Papke, ao 12 round.

Ketchell não desanimou, e depois de duas victorias consecutivas sobre Hugo Kelly e Joe Thomas, combateu outra vez contra Billy Papke e venceu-o em 12 rounds, recuperando assim o titulo de campeão do mundo, *pesos medios*.

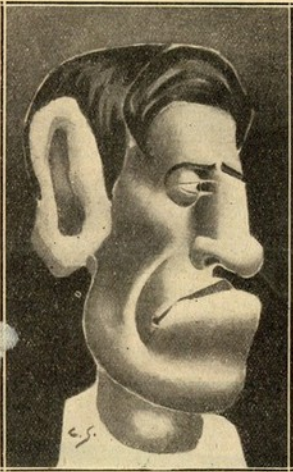
Ketchell morreu ás mãos d'um assassino como já referimos n'outro numero de *Os Sports Illustrados*. É difficil ajuizar se elle conservaria por muito tempo o titulo, mas é de suppôr que continuaria a senda dos triumphos.



## CORRIDAS PEDESTRES

## A Maratona açoçozeza

As performances realizadas na terça-feira ultima, por Louis Bouchard e Hans Holmer, por ocasião da terceira Maratona



S. M.  
Conhecem-n'o todos os foot-hallers

da Escócia, prova classica que consagrou o grande pedestriana francez, Saint Yves, são d'aquellas que marcam na historia sportiva mndial.

Entre estes dois corredores, um, Bouchard, actualmente o melhor corredor que jossue a França, e outro o inglez Holmer, que se revelou em 2 de outubro, derrotando pela primeira vez, Saint Yves, travou-se uma lucta a'dente e terrivel, que terminou pela derrota, mas honrosa, do francez, e pela queda de 12 records do mundo.

Esta corrida, em que tomaram parte 26 corredores, que antes de se porem em linha, foram observados por um medico, foi presenciada por 30 mil espectadores. A partida foi dada ás 10 horas da manhã. Pouco depois da partida, Bouchard tomou a cabeça seguido de perto por Rivez e Holmer.

Durante as milhas seguintes só Rivez seguiu Bouchard. A quarta milha Bouchard estava só, mas Holmer não perdeu uma polegada de terreno e sem fraqueza, melhorando sempre a sua posição, conseguiu á 19.ª nova milha apanhar Bouchard. A lucta foi esplendida e os milhares de espectadores gritavam encorajando o seu favorito. Bouchard n'este momento, victima do seu grande esforço e do frio, que o fez sofrer muito, deixou Holmer passar e fez volta e meia de pista a passo. A 22.ª milha, o francez ainda era segundo, da 23.ª White fez uma embalgamação, que a assistencia applaudiu com fermezim e com eguiu o segundo lugar, passando ainda Garnier a terceiro, ficando Bouchard, que tão boa figura tinha feito no começo da prova, em quarto lugar. O tempo dos 42 kilometros e 194 metros, foi feito por Holmer em 2 horas, 32 minutos, 21 segundos e 4/5. batendo o record do mundo, que pertencia a Saint Yves com 2 horas, 32 minutos, 39 segundos e 3/5.

## LUCTAS QUE TERMINARAM

## Pons, Petersen e Pedroza classificados

Terminaram na passada quarta-feira os campeonatos de lucta, de greco-romana e de summo que durante um mez se disputaram no Colyseu dos Recreios.

Estes torneios, que trouxeram a novidade dos combates entre japonezes, foram interessantes. Em lucta greco-romana, apresentaram-se homens de valor mundial, como Petersen e Pons, que em dois matches, sustentados como só elles o sabem fazer, affirmaram sciencia e conclheimentos. A victoria coube, na primeira vez, a Pons, e na segunda a Petersen, que, aproveitando-se de um pequeno descuido do seu adversario, o venceu em 7 minutos. Mas de todos os luctadores o que mais impressão produziu foi Manuel Pedroza, que pela primeira vez pisou o ring do Colyseu dos Recreios. A sua força e a sua serenidade impuzeram-o ao numeroz publico, que todas as noites

enchia o vasto circo. Tem *estajo* de um campeão e com mais alguns annos de pratica do *metier* será um verdadeiro campeão do mundo.

Element, que o publico lisbonense já conhece como um luctador correcto e forte, mostrou todo o seu valor, oppondo séria resistencia aos campeões que tiveram que empregar todos os esforços para o vencerem. Massetti, um novo que pela primeira vez veiu a Portugal, é luctador forte, mas notou-se pela forma incorrecta como fazia os seus ataques. A brutalidade e o impulsivismo dos seus ataques suplantavam os de Shackman.

Limosin, apesar de velho e de os seus musculos não terem já a maleabilidade necessaria, é ainda um mestre.

A sua forma de luctar impõe-se pela correção com que executa os golpes.

Como novidade teve este campeonato os combates de *summo* e *gouninuki* entre japonezes. Este genero de lucta, ainda que mais racional, que o da lucta greco-romana, não teve o successo que se esperava. O publico, sempre pouco analysador em questões athleticas, não soube apreciar a belleza dos golpes e a dextreza dos luctadores, que era excepcional. Só homens fortissimos e com um conhecimento extraordinario, conseguiam as victorias que estes pequenos 'aponezes, bem talhados e bem muscula-los conseguiam. O Ikari, o campeão, era excepcional em força e, apesar do pezo, era agil e rapido nos golpes. Iwagatami, o leão nipponico, era um dos homens fortes da *troup*. As suas luctas foram sempre movimentadas e energicas e no *gouninuki* destacou-se pela resistencia feroz que oppoñia aos adversarios. Em lucta greco-romana, com Asaski-Gawa, teve assaltos magnificos, provando assim quanto aproveitamento tiraram das lições que o velho Limosin lhes leu.

## EDUCAÇÃO PHYSICA E EDUCACAO ATHLETICA

## Os Sports Illustrados

Uão organizar conferencias, lições, certamens, torneios athleticos, excursões, matches e campeonatos

Cumprindo o programma annunciado vamos organizar varias provas athleticas, certamens, torneios, excursões e conferencias, representando todo esse trabalho um esforço de propaganda de *sport* e de educação physica.

Essas festas, cujos programmas traçaremos de forma a interessar o maior numero de pessoas, vão realizar-se com regular sequencia e frequencia. Ainda este mez devemos organizar-se umas de caracter beneficente, outras de confraternisação sportiva e talvez a primeira prova entre profissionais, traçada sobre bases emotivas e elementos reclamativos de sensação e novidade.

Com as juntas de parochia da cidade de Lisboa, promovemos o

## Concurso de jogos infantis

para um dos proximos domingos, ainda não fixado, porque as juntas de parochia tem por emquanto fixadas as suas attenções em assumptos de politica e patriótico disvelo. Com essa festa inaugura-se o parque das Necessidades. A festa tem um caracter altamente sympathico. O producto é destinado á compra de fato e calçado para as crianças protegidas pelas juntas.

No programma que *Os Sports Illustrados* vão apresentar á approvação da commissão executiva das juntas, incluem-se corridas de arcos n'um percurso de cem metros, com *handicap* segundo as edades, corridas de barricas, de saccos, de tres pernas, das contas e compras, do dictado sem erro, do ovo e da colher, de pé coxinho, etc. São pequenas provas, compatíveis com os esforços physicos das crianças e a que ellas ligam o maximo interesse. A festa devem presidir alguns dos grandes educadores portuguezes.

A seguir *Os Sports Illustrados* vão tambem animar o profissionalismo athletico e a sua primeira festa, d'este genero, será o

## Campeonato de mestres d'armas

a que os jornaes diários já se referiram, e, devemos dizer, elogiosamente. Deve effectuar-se em fevereiro. Quer dizer, os mestres tem tempo sufficiente para o treino do torneio, isto é, para *acostumar a mão*. Além da percentagem sobre as entradas, que será regulada segundo as classificações dos melhores na *poule final*, ao primeiro pertencerá uma taça offerta por um conhecido e dedicado *sportsman*.

A inscripção abriu com o nome d'um mestre de excepcional merecimento, demonstrado nas salas d'armas. E' um dos

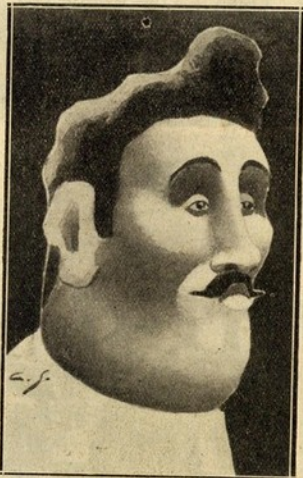
primeiros torneios em que entra e a sua inscripção valorisa o certamen.

*Os Sports Illustrados* foram já convidar cinco dos melhores amadores portuguezes para constituirem o jury e presidirem, tecnicamente ao torneio. A sua resolução entregam *Os Sports Illustrados* o seu esboço de programma que é de ser o campeonato disputado á espada, com *point d'arrêt*, com a classificaçao pelo melhor de tres toques e desempate pelo menor coefficiente de toques dados pelos recebidos.

A seguir iremos organizar, á semelhança dos torneios de Coimbra,—que constituíram um exito e d'isso nos orgulhamos—varios saraus, completados por certamens de *sports* athleticos, em

## Santarem, Porto, Évora e Madrid

todos elles com caracter de propaganda, e todos elles, tambem, affirmativos do merecimento dos nossos amadores de athletico e gymnastica. Temos a garantia de inscrever nas listas dos concorrentes, os me-



A. F.  
Lindo, muito lindo, para Campo d'Ouirique...

lhores campeões dos oito primeiros clubs de Lisboa. Ha já athletas que estão preparando a sua *forma* para que n'esses certamens,—onde a competencia amistosa e verdadeiramente sportiva será grande—mantenham os triumphos alcançados em certamens anteriores.

Mas os *sports* athleticos ao ar livre, vão merecer-nos ainda mais attenção e cuidados de propaganda. Pensamos promover em fevereiro, o

## Primeiro campeonato nacional de sports athleticos

com todo o quadro rigoroso imposto pelo *comité olympic* e cujas provas servirão de treino—a melhor e mais util—para os que hão de ter a honra de representar o paiz nos Jogos Olympicos Internacionaes de Stockholm. Antes do Carnaval, ainda o seminario organizará corridas pedestres e *cross country* entre vendedores de jornaes e

## Um grande combate de «box»

entre dois pugilistas celebres, talvez o campeão francez Marchand e o terrivel *fighter* inglez, Jack Meekins, campeão do exercito e da marinha, conhecido pelo seu ardor bellicioso e coragem. Jack Meekins, pela valentia que afirma nos seus combates, mereceu o chamarem-lhe *bull dog indomavel*. Se forem os dois maravilhosos combatentes que veem a Lisboa, o *match* realisar-se-ha em 15 rounds, de 3 minutos, com lutas de 4 onças.

Todas estas festas e torneios vão ser organizados com esmerada attenção e possivelmente com o mais vistoso *mise-en-scene*.

## Automoveis

Vendem-se ou alugam-se uma LIMOUSINE, uma LANDAULETTE Ha um double-phæton em magnifico estado e de grande luto. Trata-se *Casa Simplex Bicycletes, Discos, Machinas infantis, J. Castiello Branco*. O que ha de melhor em bicycletes inglesas desde 53800 réis, com todos os pertences. Accessorios baratissimos. Discos com assumptos politicos e ultima novidade. Machinas falantes das mais modernas desde 68000 réis.

R. do Socorro, 3-B — R. de Santo Antão, 342  
TELEPHONE 2:975

## SUPERSTICIOSOS NO «RING»

## As mascottes dos jogadores de socco

A gente do *box* é supersticiosa como quasi todos os profissionais do *ring*. Mas os *boxeurs*, estes homens que martelam a cara dos adversarios como a coisa mais natural, tem uma alma simples e os mais celebres d'entre elles, os campeões, não escapam á regra. Todos acreditam em presentimentos e todos, ou quasi todos, tem os seus feitiços, as suas mascottes, sem os quaes não podiam combater.

E' assim que Corbett, que foi durante muito tempo campeão do mundo, tinha sempre no seu canto um velho relógio de prata—lembrança da mocidade ou de família—que punha debaixo da cadeira e que consultava sempre religiosamente em cada intervalo dos rounds, mas sofreu-lhe as consequencias, quando Corbett foi pela primeira vez vencido.

Jeffries, apesar da sua possante musculatura, que era na realidade, para elle a melhor das mascottes, não deixava de ser supersticioso. Não tinha confiança no resultado dos seus *matches* se alguns dias antes de elles se realisarem, não encontrasse, durante os seus passeios matinaes, uma ferradura. Deixaria de se abaixar para apanhar uma nota do banco, mas procurava uma ferradura em todos os lugares, onde houvesse transito de vehiculos.

Fitzsimons era mais sentimental.

A sua mascotte era a sua mulher. Quería que ella assistisse aos seus combates, o que não era sempre coisa muito facil, principalmente em Inglaterra e na America, onde é prohibido as senhoras assistirem aos combates. Mas elle conseguia sempre uma autorisação especial para sua mulher, o que não evitou de um dia conhecer a derrota.

O ex-campeão do mundo, Tommy Burns, tinha uma confiança exaggerada no numero 13. Os combates que elle ganhou em 13 rounds foram numerosos, mas a sorte quiz que fosse tambem em 13 rounds que o pobre Tommy perdesse o seu titulo de campeão.

Poderiamos mostrar muitos outros exemplos como o de Willie Lewis, que faz o signal da cruz antes de começar um combate, e o de Battling Nelson, que, ha algum tempo, pediu para boxar com Freddy Welsh, uma bolsa de 23.000 «dollars» sobre o audacioso pretexto que o numero vinte e tres mil lhe dava sorte. Dizem, que depois n'um combate com Joe Gans, que venceu, tinha ganho esta importancia e o titulo de campeão.



Guia... de cyclistas para a victoria

## Agua da Curia

Semelhança á de Contrexville Estimula a acção dos rins, que são os filtros do corpo humano. Experimente a agua da Curia.

Depositario: Humberto Bottino, Praça dos Restauradores, 31-H. Tel. 3035



# A GRANDE PARADA CYCLISTA



formada pelos srs. dr. José Pontes, Mendes Arnaut e Soares Junior, subiu ao ministério do interior, onde foi recebida pelo ministro da justiça sr. dr. Afonso Costa.

Uma vez ali, o nosso director, em nome da comissão organisadora da parada e de todos os cyclistas, afirmou ao sr. dr. Afonso Costa que eram sinceros os protestos de homenagem dos cyclistas ao governo provisório e que a parada era a confirmação publica de que os *spostmens* portugueses estavam dispostos a cooperar activamente para a obra da consolidação da Republica, lendo depois uma mensagem em que a União Velocipedica Portuguesa, terminava por pedir varias regalias para os cyclistas.

O sr. dr. Afonso Costa respondeu n'um eloquent. improviso, enaltecendo o cyclista, o athleta, o homem forte que trabalha, o seu organismo para ser sempre um valido, disposto a defender todas as causas da justiça e da humanidade, terminando o seu discurso por abraçar o sr. dr. José Pontes. A's 3 horas da tarde, os cyclistas dirigiram-se para a camara municipal, onde o nosso director voltou de novo a usar d' a palavra, produzindo outro caloroso discurso, seguindo-se o sr. Armando de Brito, que

## A festa de domingo

Os cyclistas de Lisboa, juntamente com os da provincia organisam uma parada em honra do governo provisório.

A festa cyclista que no ultimo domingo se effectou, em homenagem ao governo provisório da Republica, foi, simplesmente, brilhante. Reuniram-se os cyclistas de Lisboa, com 263 velocipedistas da provincia, por iniciativa da União Velocipedica Portuguesa.

Formaram na Rotunda da Avenida, fazendo-se alguns grupos representar por grande numero de socios, como o Grupo



1. Os cyclistas reúnem-se em grupos.
2. Os cyclistas que representam a União.
3. O grupo Moto-minerva.

leu uma representação á vereação lisboense, fundamentada n'um punhado de reclamações justas a favor da causa do cyclismo.

Respondeu-lhe o vereador sr. Miranda do Valle, agradecendo em nome da vereação e concluindo por pedir a todos um viva á Republica, o qual foi entusiasticamente correspondido, com os que tambem foram erguidos á camara municipal, governo provisório, etc.

Do largo do Municipio seguiram os cyclistas em direcção ao Atheneu Commercial. Nos automoveis da comissão seguiram tambem os representantes da imprensa. Na sala nobre da poderosa agremiação estavam centenas de pessoas, desejosas de assistir á sessão solemne de homenagem aos cyclistas da provincia. Presidiu essa imponente reunião o nosso collega dr. José Pontes, que escolheu para secretarios os srs. Caeiro da Silva, delegado da União em Casa Branca, e Amibal Pinheiro, da Sociedade Promotora de Educação Physica. O dr. José Pontes proferiu um vibrante discurso de saudação aos cyclistas portugueses, dizendo quaes tinham sido as promessas do governo e da camara e as vantagens que adviriam para a causa do *sport* se todos os que se interessam pela cultura physica mantivessem sempre a mesma harmonia e bella camaradagem que nobilitaram a jornada de domingo.

O sr. Armando de Brito fez varias considerações sobre a parada, envolvendo nos



Moto-Minerva que incorporou 60 cyclistas, entre elles 6 senhoras, elegantemente vestidas a rigor. N'um automovel do sr. Antonio Vieira da Silva, de Santo Antonio do Tojal, seguiram os membros da comissão promotora da parada, Armando de Brito, Mendes Arnaut, Theophilo Neves e o nosso director sr. dr. José Pontes.

Os cyclistas, em virtude da grande agglomeração de pessoas que se juntaram e lhes

difficultava a marcha, seguiram a pé, chegando ás 2 horas da tarde ao Terreiro do Paço, onde, na melhor ordem, se alinharam os manifestantes.

Formou-se então a verdadeira parada. O aspecto era surpreendente. Em linha, com as machinas ao lado uma das outras, e com pequenos intervallos, os cyclistas,

em pé, constituíram grupos, que se impunham pelo numero e se destacavam pelos vivos berrantes das equipas e trajas rigorosos de *touristes*. Soltaram-se vivas á Republica, ao governo e á União, a que os cyclistas correspondiam com entusiasmo intenso e aos quaes se associou a multidão. Durante esse tempo, a comissão delegada pelos organisadores da Grande Parada,





SOUZA NEVES  
(da-comissão da parada cyclista)



TELLES DE SOUZA  
Director da U. V. P.



THEOPHILO NEVES  
Director da U. V. P.



JOÃO DIAS  
(da comissão da parada cyclista)

mesmos elogios os cyclistas da provincia e a imprensa, que tinham sido os elementos basilares do cortejo e o tornaram uma festa de excepcional imponencia. O sr. Mendes Armand agradeceu, em nome da União, a offerta do estandarte que a comissão de propaganda da mesma União offercia. A sessão terminou com calorosas vivas á Republica, ao governo provisório e ao nosso collega de redacção dr. José Pontes, que proferiu novo discurso, caloroso e vibrante, agradecendo as referencias que á imprensa foram feitas.

A jornada cyclista terminou com o biquete no hotel Francfort, a que assistiram os srs. dr. José Pontes, Theophilo Neves, Loureiro, João Dias Brito, Armando de Brito, Carlos Santos Neves, Falcão Rodrigues, Alvaro H. da R. Pinto Coelho, Telles de Souza, Máximo Correia, Soares Junior, Neves Marques, Carlos Gonçalves, Julio Carmo, Carlos Soares, Pedro Jose de Moura e Mendes Arnault. Foi uma festa animada, uma verdadeira festa de confraternização, na qual se fizeram brindes calorosos, se traçaram bellos programas de festas sportivas e se saudou com enthusiasmo, a imprensa. O dr. José Pontes agradeceu as amáveis referencias que aos *Sports Illustrados*, ao *Seculo* e ao seu director, sr. Silva Graça, foram feitas por todos os convivas.

#### CORREIO DO BRAZIL

## S. Paulo desastroso para os aviadores

Uma ascensão que falhou e que motivou protestos

São Paulo, — As noticias das jornadas annunciando as ascensões aeronauticas nos prados do Derby e do Jockey Club, provocaram a maior e a mais justificada ansiedade no espirito publico.

A novidade do espectáculo e o successo d'esse novo genero de sport no velho mundo seduziam todos. Mas, em geral, havia uma grande desconfiança quanto ao successo d'essas ascensões, desconfiança que se confirmou. Em nenhum dos dois prados osapparelhos chegaram a subir a mais de tres metros. Isso provocou, como era de esperar, um grande mal estar no publico que comprara entrada para assistir ao espectáculo, e d'ahi as reclamações e os pequenos disturbios que se deram nas pistas.

De S. Paulo chegaram tambem noticias sobre as experiencias. Lá, se um dos dois aviadores conseguiu subir e dar o seu passo sobre a cidade, enthusiasmando e deslumbrando a população, o outro, o destemido Julio Piccolo, pagou com a vida a arrojada tentativa. Não deixam, portanto, de inspirar certa intranquillidade ao espirito publico as futuras tentativas d'esse genero de sport.

No Derby club, a empresa de aviação, que contratou o aviador Oerelich para fazer varios vôos annunciou a primeira das festas, convidando para a mesma o presidente da Republica.

A *pêlouse* ficou repleta de carros e automoveis, apresentando um aspecto proprio das grandes reuniões turísticas do referido hippodromo. O povo cercava, curioso e interessado, o monoploano do Dr. Schultze-Hertford, examinando detidamente o possante motor, e o mecanismo complicado do apparelho, no qual Oerelich devia realizar os annunciados vôos.

O Sr. Isidoro Konit apresentou ao presidente da Republica, o Dr. Schultze-Hertford, em cuja companhia foi examinar o monoploano. Terminada essa cerimonia, foi o apparelho conduzido para a pista e tiveram começo as experiencias. Eram 5 horas da tarde, mais ou menos.

O aviador demora excessivamente os preparativos de vôo

O aviador Oerelich deu algumas voltas parou quatro ou cinco vezes, arranjou e de-

sarranjou o monoploano outras tantas vezes, e, assim esteve até perto de 7 horas da noite. O publico já viajava formidavelmente o aviador, e este perdera de todo a calma. Afinal, n'um arranco supremo, o apparelho ergueu-se tres metros acima do solo e, foi-se arrebatando na cerca de arame, e, logo a *hangar!* O feito foi recebido pelos assistentes com apupos estrondosos, e a policia teve de acompanhar Oerelich para evitar um desacato mais positivo.

No Jockey club, a Empresa Brasileira de Aviação, annunciou que realizaria vôos em um monoploano recentemente chegado.

O publico encheu as tribunas e o campo. O apparelho estava exposto á curiosidade do povo que o cercava examinando-o em todas as suas particularidades e assistindo com perguntas ao capitão Magalhães Costa, o aviador que o devia conduzir, acerca das proezas que já realisara.

O apparelho era um monoploano Grade, de fabricação allemã com motor de 25 cavallos de força e peso total de 200 kilos. E' uma imitação da *Demoiselle* de Santos Dumont em ponto maior. Já executou diversos vôos brilhantes tendo obtido um premio de dirigibilidade em um concurso que teve lugar em Hamburgo. Acompanhou em toda manhã o professor de aviação engenheiro F. Rode, represe: tante da casa constructora.

Eram já 4 horas da ta de e o aviador affirmava que era necessario esperar que o vento abrandasse um pouco, pois que soprava muito forte.

A's 5 horas foi o monoploano conduzido para a pista.

A grande multidão esperava ver dentro de poucos minutos o aeroplano fazer b. llas evoluções pelos ares... mas, oh decepção! motor não funcionava. Baldados foram todos os esforços; a helice dava algumas rotações e parava logo. O publico impaciente começou a reclamar. A's 6 horas ainda não tinha sido possível fazer funcionar o motor.

#### O publico protesta e exige o seu dinheiro

Já o publico não se continha, e em altas vozes reclamava o seu dinheiro, dizendo ser victima de um grande logro, de um formidavel conto do vigário, pois que os aviadores nem conseguiram fazer trabalhar o motor. O aviador allemão tinha-se retirado, allegando estar doente e impossibilitado de subir.

Foi procurado o representante da empresa Dr. Avellar Brandão a quem o publico pediu a restituição das entradas, que declarou não poder fazelo por estar declarado nos cartões de ingresso serem elles validos para a proxima experiencia, caso esta fosse mal succedida.

A indignação popular chegou ao auge, porque ninguém se conformava com a explicação.

Esteve iminentemente um conflito, pois a população ameaçou destruir o apparelho, agredir os representantes da empresa e até queimar as tribunas do Jockey.

Foi elle evitado graças á calma e acerto com que agiu o supplente de delegado, Dr. Moreira Guimarães, que estava presente como simples espectador. Não havia autoridade nenhuma presidindo. Não havia auctoridade do publico ao 1.º tenente Pinto Ribeiro commandante da força de policia destacada n'aquelle local, que o contive, impedindo que se commettessem violencias.

Mandou immediatamente a autoridade que se re titui-tem as entradas mas soube-se que o caixa havia fugido com o dinheiro e o dr. Avellar Brandão não se encontrava.

Foram então presos o capitão Magalhães Costa e dois empregados, e o aeroplano apprehendido e guardado por praças de policia.

Foi só com muito trabalho de exportação que o povo consentiu evacuar o Jockey Club e retirou-se com calma, satisfeito com as medidas das autoridades e confiando na restituição de suas entradas.

Depois do publico se retirar reapareceu o Dr. Avellar Brandão, que se havia refugiado n'uma dependencia do Prado, e declarou que faria restituir os bilhetes, em lugar e dia que seriam annunciados, não que se julgasse a isso obrigado, mas po que acatava a resolução da policia. As prisões de Magalhães Costa e dos dois empregados foram relaxadas. — C

#### Morre Piccolo por excesso de intrepidez

São Paulo, — O aviador Julio Piccolo, que succumbiu em São Paulo, n'um vôo desastrado, veio aqui fazer experiencias n'um monoploano, tipo Blériot.

Piccolo, no dia da sua ultima experiencia, percorreu varios pontos, dos mais altos da capital, para conhecer a topographia da cidade. As condições foram julgadas boas e, para ponto de partida, foi escolhido o Velodromo. A's 2 horas da tarde, Piccolo deu inicio á montagem do seu apparelho, que foi conduzido ate ao campo de *foot-ball* e collocado em frente á porta de entrada.

O aviador examinou cuidadosamente todas as peças, auxiliado pelo seu mecanico, ao qual ordenava a execução de diversos serviços de reparo e de montagem, indispensaveis para collocar o monoploano em condições de vencer as correntes atmosfericas. Depois de inspecionados o leme, a helice e o motor, o aeronauta determinou a collocação das azas, que ficaram presas ao corpo central do apparelho por espigas de arame muito resistente. Todos estes trabalhos duraram até quasi ás 4 horas da tarde, sendo feitos com bastante lentidão, dada a segurança com que deveriam ser executados. Os assistentes assistiram com a maxima attenção os passos do aviador. Calmo e um tanto retrahido, Piccolo respondia a todas as interrogações, explicando os detalhes que lhe eram solicitados. Ventava muito. Um sudoeste impetuoso, com uma velocidade de 50 kilometros por hora, agitava fortemente as copas dos pinheiros e as pontas dos bambús que ficam ao lado direito do campo, dando poucas esperanças de exito ás experiencias preliminares.

Piccolo mostrava-se, n'esse momento, um pouco receioso. De tempos a tempos, olhava para a atmosphera, analysando-a demoradamente e observando a direcção do vento pelas nuvens plumbeas que passavam em grupos, formando claros de espaço a espaço. A esperanza do aviador consistia em que, á tardinha, o tempo havia de melhorar. No mastro central da coberta da archibancada foi hasteada uma bandeira nacional, para orientar o aeronauta no aterramento.

#### Um original bilhete de boas festas

A's 4 1/2 horas da tarde, o aviador vestiu a sua roupa de borracha e desceu ao rosto o gorro verde de protecção. Subiu ao apparelho e dispoz-se a experimentar o motor, mandando que se guardasse o monoploano. A curiosidade era geral. As primeiras explosões da gazolina despertaram entre os assistentes um vivo enthusiasmo e Piccolo, aparentemente calmo, graduava as rotações da helice, apreciando attentamente o seu deslocamento. Esta primeira experiencia deu bom resultado, isto é, demonstrou que o monoploano funcionava com toda a regularidade. Cessado o funcionamento da helice, Piccolo saltou e disse que agurava apenas uma calmaria para voar. Voltando-se para os circumstantes, falou jovialmente: «Quando estiver lá em cima, eu jogarei para terra isto». E sacou do bolso um maço de impressos, em que se liam as seguintes palavras:

«Do alto do céu taço votos pelo Bom Natal dos paulistanos. — *Julio Piccolo.*»

A partir d'esse momento o desventurado aviador limitou-se a observar o movimento das correntes aereas. Pouco depois ordenou que o monoploano fosse transportado e collocado no tablado.

Sobre a parte inclinada da pista de cimento, que contornava o campo de *foot-*

*ball*, fora armado, ao lado da direita de quem entra no Velodromo, proximo ao tanque de natação, um tablado que media vinte e cinco metros de comprimento por dez de largura. Esse tablado' bastante inclinado, vinha até ao principio da archibancada.

O apparelho, sempre rodeado de curiosos, foi conduzido para ali. O vento acalmara um pouco, e o intrepido aviador resolveu fazer. A ansiedade era geral, porém, pessoas que conhecem e já têm assistido a torneios de aviação, pediam desistismente a Piccolo que desistisse, pois o vento era forte e elle jogava a vida. Piccolo sabia perfeitamente que o logar era improprio para uma ascensão e Ruggeronne, o seu collega e amigo, já lhe havia feito ver o risco que corria tentando voar em tão acanhado terreno. Ruggeronne tentou dissuadi-lo por todos os meios, porém Piccolo foi inabalavel. Havia dito que voaria e cumpria a sua palavra, embora soubesse que perderia a vida.

#### Lamentáveis incidentes faziam prever um desenlace tragico

Ruggeronne insistiu ainda fazendo-lhe ver que dispunha de 1.609 metros no Hippodromo da Moóca, e nem assim deixava de correr perigo. Piccolo, no entanto, foi surdo ás observações do amigo, e terminou dizendo:

«Ou morro, ou serei um grande aviador!»

Faltavam poucos minutos para as 6 horas da tarde, quando Piccolo, alegre e despreocupado, saltou para a barquinha, desceu as abas do gorro verde que atou sob o queixo, e deu ordem ao mecanico para que imprimitesse impulso á helice. Todos o fitavam com assombro.

A helice deu os primeiros giros, e viu-se logo que não funcionava bem. O aviador dispunha-se a reparar o defeito existente no motor, quando houve uma explosão na gazolina, sendo aeroplano dominado immediatamente pelas chamas.

Gritos partiam de todos os lados.

—Tragam agua!

—Fogo no balão!

Pessoas corriam assustadas, em todas as direcções. Só Piccolo conservava a sua imperturbavel calma, e, auxiliado pelo seu mecanico, dentro de alguns minutos extinguiu o fogo. Nem isso o fez demover o seu intento. Feitos ligeiros reparos no apparelho, elle tentou novo vôo. D'essa vez, foi infeliz ainda, pois a helice não trabalhava, devido á posição em que estava o aeroplano.

#### Dando a força maxima para evitar uma desgraça

Com auxilio de algumas pessoas, foi o apparelho retirado do tablado e conduzido para o campo, onde a helice principiou então a funcionar perfeitamente, produzindo um rumor sinistro que por si só bastaria para fazer perder a coragem ao mais audacioso... Reconduzido o aeroplano ao tablado, Piccolo tentou novamente o seu logar, sempre calmo e risonho, e dá a voz de «largar!»

O vento soprava novamente com impetuozidade, quando o apparelho deu o primeiro arranco.

O aeroplano, uma vez livre das mãos que o agarravam, desce velozmente o declive de madeira e parte com uma flexa. Todos o seguem com a vista, horrorizados, pois vêem que o aeroplano se não eleva do solo e que o horrivel desastre está imminente.

O que se passou, então, no curto espaço de alguns segundos, é impossivel descrever. Piccolo, vendo que o terreno era pequeno para que o seu aeroplano ganhasse impulso e deixasse o solo, imprimiu ao motor a força maxima de 45 cavallos, como a unica salvação que lhe restava, pois previa o que lhe aconteceria se não transpuzesse os obstaculos que tinha pela frente.

Com este ultimo impulso, o apparelho foi violentamente sacudido, conseguindo



elevar-se do solo apenas meio metro. Tudo isso se passou n'um momento, e o desventurado aviador, vendo aproximar-se o desenlace trágico da situação, tenta salvar a vida atirando-se ao chão. A velocidade extraordinária do aparelho, porém, fel-o dar uma volta no ar e ir cair de cabeça, para baixo sobre a pista, de cimento, na parte mais elevada, e sobre o corpo do infeliz, caía também, pesadamente, e n'um rumor estranho, o seu aeroplano, que se desfez em pedaços!

#### A sciencia medica impotente para salvar o infortunado aviador

Os espectadores d'essa horrivel scena, durante um minuto, olharam-se imobilizados. Só depois de passados os primeiros momentos de estupor é que todos correram para o local, onde jazia, sob os destroços do aeroplano, o corpo desfallecido do intrepido aviador italiano.

Diversos medicos presentes, entre elles os Drs. Carlos Mauro, José Celeste, João Sodini e Carlos Ascoli, acudiram ao aeroplano, fazendo-lhe massagens.

Verificando, porém, aquelles facultativos tratar-se de um caso gravissimo, foi o desditoso aviador removido em automovel para o Hospital Italiano.

Julio Picollo apresentava uma fractura no craneo muito extensa, commoção cerebral e provavelmente commoções de órgãos internos. Tinha também abundante hemorragia. A's 6 horas e meia, depois do tempo estritamente necessario para a preparação dos instrumentos cirurgicos, Picollo foi operado pelo dr. Carlos Mauro, sendo-lhe feita a trepanação. Assistiram ao operador os srs. Drs. Alípio Martellini, José Carlos e Carlos Ascoli.

Ape ar do bom exito da operação, o dr. Mauro, após um minucioso exame ao desventurado aviador, declarou que havia pouca ou nenhuma esperança d' salvação. A's 2 horas e 20 minutos da madrugada, falleo o desventurado aviador italiano. Em vista da situação precaria em que ficam a respeito da vida do aviador Picollo, foi lembrada a idéa de uma subscrição em sua favor.

Abriam-n'a o Estado de S. Paulo, o *Fanfulla* e *La Vita*, os dois primeiros jornaes com 200000 réis cada um e o ultimo com 100000 réis.

A lista publicada por esses jornaes, já attingia a somma de 1.0235000 réis.

#### A PROPOSITO DE UM NOVO CLUB

### Uma conversa com o sr. D. Jorge de Menezes

Tendo visto n'um jornal da manhã no seu numero de domingo, annunciada para o de quarta-feira, a publicação d'uma conversação com o sr. D. Jorge de Menezes, a proposito do novo club de sport que um grupo de rapazes elegantes acaba de organizar, e não se publicando por motivos conhecidos esse jornal, tentamos obter para os *Sports Illustrados* essa conversação e consequindo-o, damol-a em seguida e na integra. Ella:

Os jornaes noticiaram que um grupo de rapazes composto d' Alfredo Anjos (Fontalva), Fernando Luiz Pinto Basto, João Monteiro de Mendonça, João da Rocha Leão, D. Jorge de Menezes e José Augusto dos Santos, havia organizado, com o titulo *Rider Club*, uma nova aggrégation de sport, cujos convites para socios e projecto dos estatutos estavam sendo distribuidos, diri-

gimo-nos hontem de tarde ao *Club Tauro-machico* e ahí perguntámos a um porte ro com barbas como o do *Turf* e gordo como um conselheiro da omniosa, se lá estava o sr. D. Jorge de Menezes.

A sua resposta foi: Está, sim senhor. E nós, tirando da carteira um bilhete, pedimos-lhe que lh'o mandasse e disseste que lhe queríamos falar. Dois minutos depois um criado vem chamar-nos e conduzindo-nos a um deveras *chic* gabinete no *entresol* d'aquelle elegante *club* do Chiado, disse:—O sr. D. Jorge vem já.

E não se demorou. Trocados os cumprimentos, pergunta:—O que o traz por aqui? A nossa resposta foi, sem mesmo o deixar respirar: *O Rider Club*. Pedir informações, pois disseram-nos que era o principal organizador. Saber o que tencionam fazer... emfim, tudo o que pedesse dizer.

A sua resposta, rindo e satisfeito, foi:—«Pouco posso dizer, pois quasi todas as coisas apenas estão entabuladas e hão de ser resolvidas pela direcção que se elege. O que desde já declaro e peço para que noticie em normando é que não sou o iniciador.

—Então quem foi? —O Santinhos, digo, o José Augusto dos Santos, que, encontrando-me uma vez no picadeiro do Gagliardi e tendo sabido da *Sociedade Hippica*, por se não conformar com as suas resoluções, me propoz o organizar um novo club, mas com picadeiro e terreno para saltos, etc., emfim, um club verdadeiramente hippico e não um club com todos os outros.

—Mas dizem que é um agrupamento essencialmente reaccionario o que se vai formar...

—Isso é uma mentira das muitas pessoas que nos andam á calada guerreando. Porque o Santos, eu e a maioria dos organizadores do *Rider* professamos idéas diferentes das de agora, não se segue que o club tenha partido. Todas as pessoas serias e dignas serão recebidas de braços abertos. E demais os socios são approvados por eleição.

—Então é club sem partido algum?

—Sim, senhor. Até haver sebastianistas, caso appareçam.

—E, quasi são as causas de que fallou e que já estão definitivamente resolvidas?

—Uma, e talvez mesmo a principal, é o termos uma cavalleria onde só os nossos associados possam metter os cavallos. Para isso alugámos aquelle barraço que Gagliardi tem em frente do seu picadeiro e que muito tempo foi de Luiz do Rego. Mas ha mais. Conseguimos do mestre João Gagliardi uma enormissima redução de preços nas suas lições, tanto para os socios como para seus filhos ou senhoras de sua familia. Em curso nocturno, em classe, 2500 réis; duzia em particular e de dia, 6500 réis; senhoras, 8000 réis; volteto, em classe, 2500 réis. E ha mais ainda, mais e muito mais. O picadeiro do Gagliardi, á noite, é só para os socios, e de dia todos estes podem *mexer* ahí os seus cavallos.

O onde de Fontalva, que é e serão o maior entusiasta por assumptos hippicos, empresta-nos o bello terreno de Pavalhã, para ahí se levarem os cavallos a saltar e se promoverem festas.

—E qual é a primeira festa?

—A primeira festa desejávamos que fosse e será provavelmente, no picadeiro do Gagliardi, que é a sede do club.

—Entradas pagas?

—Não, senhor. Todas as festas do *Rider Club* terão um caracter tudo o que ha de intimo, e além dos socios e suas familias, só entrarão alguns convidados e estes mesmo em numero limitado.

—Pois tinham-me dito que o club não ia por deante, que era de guerra não sei a que...

E á isto atalha-nos Jorge de Menezes.

—Pois diga lá no jornal e em normando, caso possa, que o club não é de guerra a ninguém, e que, portanto, não lhe façam

guerra, porque elle apenas o que quer é viver e isso consegue-o, pois ainda agora começamos a distribuir os convites para socios e sem nenhum d'esses convites ainda terido resposta, mesmo por falta de tempo para isso, temos já uns sessenta e tantos socios certos. E em começando as festas elles virão.

—Mas que festas são essas?

—Isso, por enquanto, é segredo, mas o que digo desde já é que se a direcção nomeada seguirá as idéas dos iniciadores do *Rider Club* a primeira é no picadeiro da rua de D. Pedro V e a segunda e terceira ao ar livre, e ambas completamente diferentes uma da outra.

Como se deprehe da conversa acima, a sede do *Rider Club* é no picadeiro do professor d'equitação sr. João Gagliardi e os organizadores da nova aggrégation de sport que sob tão bellos auspícios se apresenta mandaram n'elle fazer obras que estão sendo dirigidas pelo conhecido constructor sr. Manuel Verde.

## Matches de foot-ball

### No Lumiar

Neste campo, pertencendo ao Sporting Club de Portugal, realizou-se no passado domingo mais um match official de foot-ball entre os 1.<sup>os</sup> teams do Club Internacional de Foot-ball e do Sport Club Imperio. Venceu o primeiro por 2 goals a 0.

Eram 2 horas e meia, quando o referee, o sr. Antonio do Couto, deu o signal para o início do jogo. A bola pertenceu na sahida ao Imperio, que avança com ella até proximo do goal adverso. José Bello desmonta o seu goal com um bom pontapé, a a bola segue p'ra cima dos postes contrarios. Elston Dias marca logo o primeiro goal a favor do Internacional.

Até ao final da primeira parte nada mais se passou digno de nota, decorrendo o jogo muito sensaborão. Começou o Imperio na segunda parte com mais algum alento, mas a sua linha de ataque, principalmente, continuava com o mesmo defeito: falta de cohesão, falta de sangue-frio e a cabeça perdida na occasião de *shotar*. Um trecho mais bem orientado e seriam resultados mais favoraveis. O Internacional, já proximo do final da 2.<sup>a</sup> parte, conseguiu o segundo goal, marcado por Carlos Sobral.

Não podemos louvar ninguém, d'esta vez, nem do Imperio, nem do Internacional. Mesmo com a inclusão de Fernando Pinto Basto na linha de *forwards*, o ataque do C. I. F., apesar da sua victoria, não luziu. Carlos Sobral não nos agradou. Apenas, defeza. Sissener trabalhou e defendeu bem, por vezes. Merik Barley foi, como de sempre, um *back* em quem se pode ter confiança. Todos os jogadores tem umas tardes melhores, outras piores.

A Barley não succede isto: é sempre equal.

O *goal-keeper*, Eduardo Luiz Pinto Basto não esteve á altura da sua merecida reputação embora tives e algumas defezas que não é vulgar ver nos restantes *keepers*. E dos homens de preto e branco nada mais temos a dizer. Os de amarelo e preto também estiveram fraquinhos. Fizeram-lhe falta os homens que teve de substituir por outros do seu 2.<sup>o</sup> team. E' verdade que ao Internacional succedeu tambem ter de substituir jogadores, mas F. Pinto Basto é um jogador de 1.<sup>a</sup> cathogoria, embora jogue em 2.<sup>a</sup>, sendo até um dos melhores *center-forwards* portugueses.

Antonio do Couto foi um referee que contentou ambos os adversarios e, o que é mais difficil, contentou tambem os criticos e os entendidos que dizem que sim, mais que tambem.

Os matches officiaes começam a despertar

maior interesse, embora estejamos ainda longe do apuramento final.

De manhã, pelas 10 horas, devia realizar-se o desafio entre os 3.<sup>os</sup> teams d'estes clubs, mas como o team do Imperio não comparecesse á hora, foi dada a victoria. Pelo meio-dia jogou-se o match dos 2.<sup>os</sup> teams. Qualquer dos dois clubs tinha a sua *equipe* incompleta sendo obrigados a jogar com bastantes homens dos 3.<sup>os</sup> grupos. Um dos homens que faltou foi o capitão do Imperio. Que lindo exemplo que dá aos seus jogadores! O jogo não teve belleza nem interesse! Poucos minutos depois do pontapé de sahida, o Imperio marcou um goal. Durante o desafio marcaram-se 8 goals, 6 a favor do C. I. F. e 2 a favor do Imperio, tendo, pois, o Internacional a victoria.

Arbitrou este desafio o sr. Levy Jenochio referee official, que não deu muito motivo para queixas. Podia ser, talvez, um pouco mais severo.

### Em Bemfica

Outros matches officiaes se realizaram ainda no domingo passado, no campo de Bemfica, entre o Sport Lisboa e Bemfica e o Sport Club Campo d'Ourique.

A's 10 horas da manhã realizou-se o desafio de 1.<sup>os</sup> teams, ganhando o S. L. B. por 3 goals a 0.

Este desafio foi mais bem jogado, mais energico, de parte a parte, do que o de 1.<sup>os</sup> teams entre Imperio e Internacional.

Em 2.<sup>os</sup> e 3.<sup>os</sup> teams obteve tambem o S. L. B. a victoria. Foram, pois, este club e o Internacional os grandes triumphadores de domingo e é, muito naturalmente, entre ambos e talvez o Belenense que vem a dar-se a batalha final.

Má-Fama.

## O que corre...

—Que já appareceu um arrojado que deseja pilotar um aeroplano para as bandas de lá do Tejo.

—Que um aviador-poeta já tem realiado pequenas experiencias com o aeroplano de sua invenção.

—Que o mesmo aviador-poeta vae fazer as experiencias officiaes no proximo mez.

—Que os homens da Associação não passam muito tempo sem dar motivos a novas discussões.

—Que ha clubs que dizem que não fazem politica e que a fazem em segredo.

—Que n'uma reforma de instrução estão colaborando homens que tem idéas muito diferentes sobre o problema educativo.

—Que no proximo campeonato de luta amador apparece um novo com muitos desejos de tombar os antigos.

—Que um amator de esgrima vae concorrer a torneos no estrangeiro.

—Que em Coimbra já se atria com o disco a 29 metros e com o peso a 9 metros.

—Que a festa hippica já se não realisa.

—Que os segundos jogos olympicos nacionaes vão ter como colaboradores sete clubs de Lisboa.

—Que a Liga Sportiva de Trabalhos Athleticos diz nos jornaes que reúne mais que esse anuncio não corresponde á verdade. Não reúne e não faz nada.

### A primeira victoria dos francezes

Os francezes, que ultimamente tem melhorado a sua forma de jogar o *rugby*, conseguiram, na passada segunda feira, uma victoria internacional, a primeira que em foot-ball alcançam.

Communeau, o capitão encarregado de escolher os 15 que deviam jogar, contra os 15 da Escocia, houve-se com tanto acerto, que a victoria lhe sorriu, conseguindo vencer por 16 pontos contra 15.



MENDES ARNAUD  
Director da U. V. P.



FALCÃO RODRIGUES  
Director da U. V. P.



CARLOS GONÇALVES  
da comissão da parada



ARMANDO DE BRITO  
Principal influente e organizador da parada cyclista



## Da aza dos passaros ao aeroplano

A maior aspiração do homem foi, desde o principio do mundo, voar, imitar as aves, dominar esse elemento rebelde onde o homem não podia sustentar-se. Parecia-lhe que, cruzando o espaço, se affastaria d'algum modo das misérias terrenas e teria assim uma tregua o seu soffrer. Por muito tempo a sua osadia, ao querer dominar e assenhorear-se do que lhe era defezo por natureza, foi castigada com a morte, com a queda, e já em pequeno nos falavam de Icaro, sonhado, quiçá o primeiro aviador.

Para rivalisar com a ave e disputar-lhe o seu dominio, o homem só tinha um meio: roubar-lhe o seu segredo, aprender com ella a voar. Eis, em duas palavras, em que devia consistir toda a historia da extraordinaria e triumphante conquista do ar. A construção das machinas voadoras deve muito ás aves.

A grande escola de aviação é, antes de tudo, a borda dos charcos por sobre os quaes voejam as libellulas, rentes á superficie da agua; é no meio dos campos, observando o vôo zig-zagueante e aparentemente incerto das borboletas; é sobre os rochedos sobranceiros ao mar, de onde se lançam, descrevendo as suas curvas magostas, as suas espiraes harmoniosas, os grandes passaros marinhos. Seja para se elevar no ar, para mudar de direcção, para voar ou para descer e tocar de novo a terra, os insectos e os passaros são os grandes mestres do aviador.

Os planos do aeroplano foram imaginados segundo o modelo da aza viva e palpitante da ave. Ninguém conseguiu ainda conhecer verdadeiramente a estrutura da aza do passaro. Contra esta ignorancia deviam reagir os apaixonados da aviação com tanto ardor como os biologistas. Peça-se a um homem dotado de regular instrucção, illustrado mesmo, que faça o desenho schematico d'uma aza e é rarissimo que elle o consiga d'uma forma satisfactoria. A razão é simples: a aza encolhida, em descanso, não revela o seu feiço e, em acção, é tão rapido o seu movimento que essa rapidez impede de vêr-se a sua forma. No vôo parado, a aza toma o aspecto d'um ramo d'accento circumflexo.

Demos nos aqui as indicações essenciaes. A aza é o braço da ave, e o esqueleto da aza é, effectivamente analogo ao do braço do homem, mas os ossos homologos não se acham representados n'ella com as mesmas proporções relativas e a maneira de se dobrarem uns sobre os outros é muito particular. O ante-braço, maior que o braço propriamente dito, (ou humero), dobra-se para deante, contra elle, como o d'um homem que quizesse fazer tocar no hombro a face dorsal da sua mão; a mão da ave, muito longa, dirige-se para baixo e para traz.

E' mais facil de nos representarmos na imaginação a aza d'um insecto que, (excepto em certas especies) conserva constantemente a sua forma e não se dobra sobre si mesma como as das aves. E' uma especie de palheta formada por uma armadura de nervuras corneas e cobertas d'uma membrana, quasi sempre transparente. A sua forma é relativamente simples.

### O nascimento da aza

Que espectáculo maravilhoso o do apparecimento brusco da aza do insecto no ultimo acto da metamorphose! Não ha nada mais curioso para um observador dos phenomenos da vida. A transformação das larvas em borboletas, se bem que conhecida, espanta sempre os profanos; mais impressionante ainda é a das larvas aquaticas que se tornam libellulas.

Assiste-se a uma especie de scena de theatro, a uma mutação á vista, tão rapida que parece magica. De monstro aquatico, o insecto torna-se em alguns minutos um ser ligero, aereo; depois desaparece, aureolado de luz, com nma tremura nas azas tenuissimas que o sustentem e o levam n'um movimento seguro e potente.

Este espectáculo magnifico do nascimento d'uma aza, cada um de nós pôde tê-lo, creando libellulas n'um aquario; as metamorphoses fazem-se ahi n'os olhos; mas é preciso humedecer a atmosphera com um vaporizador, no momento em que a ninpha se içá á superficie da agua.

### Ha ave corre e bate as azas

Parece que a humanidade, como a libellula ao saber da sua obscura existencia de larva, acaba de acordar tambem com azas. Libertando-se da ironica obsessão da legenda d'Icaro—esse symbolo da vaidade do esforço—ella consegue elevar-se na atmosphera terrestre e a dirigir-se, como fazem a ave e o insecto.

Qual é então o segredo do vôo dos animaes?

Os virtuosos do vôo, como a andorinha e outros, passam ante nossos olhos com uma

rapidez tal que a nossa vista não consegue perceber nada do mechanismo da sua sustentação e da sua progressão; mas olhemos um passaro de vôo pezado, como, por exemplo, a gallinha. Corre primeiro com toda a força das suas patas, em seguida salta o mais alto que pôde e bate furiosamente com as azas. O esforço que este animal faz é-lhe tão penoso que lhe arranca frequentemente pios de dôr. E explica-se: a gallinha corre porque, quanto maior for a sua velocidade horizontal, melhor ella resistirá ao pezo, que tende a puxal-a para o sólo; e se os movimentos das azas são pequenos, é porque a superficie d'estes orgãos é muito pequena. As azas da gallinha só podem encontrar no ar apoio sufficiente, movendo-se com grande velocidade, com uma consideravel energia. Pelo contrario, as aves tendo uma grande superficie d'azas, como as aguias, os abutres, as fragatas, etc, se bem que obrigadas a saltar quando sobre um terreno plano, não tem necessidade de remar tão energeticamente: a extensão da superficie alada compensa e ellas a lentidão relativa do movimento.

A aza do passaro apoiá-se no ar ao descer, mas como não destrõe ella o impulso que dá, ao voltar a subir? E' que, na descida, a pressão atmosphérica, dirigida de baixo para cima, torna todas as pennas solidarias e o bordo livre de cada uma d'ellas encosta-se, a todo o seu comprimento sob a nervura resistente da penna vizinha; quando a aza sobe, pelo contrario, o bordo livre das pennas, não encontrando apoio, cede e deixa passar o ar. Ainda por cima a aza encolhe-se e oferece, por consequente, uma pequena superficie. E' o que as photographias instantaneas de Marey, primeiro esboço do animatographo, nos mostraram com toda a clareza desejada.

Nos insectos cuja aza é de uma só peça nada de semelhante é possível e muito tempo se ignorou como elles conseguiram sustentar-se no ar. E' a Pettigrew e a Marey que se deve a explicação d'este phenomeno. Se bem que as suas theorias diffiram em alguns pontos e que estes sabios tenham tido vivas polemicas, um e outro chegaram, pouco mais ou menos ao mesmo tempo, a demonstrar que a extremidade da aza dos insectos descreve um 8—o algarismo 8—com mudança de plano. A aza apresenta, na descida, a sua grande superficie, exercendo assim apoio no ar e, na subida, o gume, por assim dizer, de forma a cortar o ar.

Não é absolutamente o movimento da helice, pois a continuidade dos tecidos vivos não o permite, mas é um movimento que produz o mesmo effecto.

E', graças a este movimento helicoidal, que o insecto de azas rigidas pôde sustentar-se no ar, enquanto que a ave consegue-o no vôo remado, fechando e abrindo as azas a cada remada.

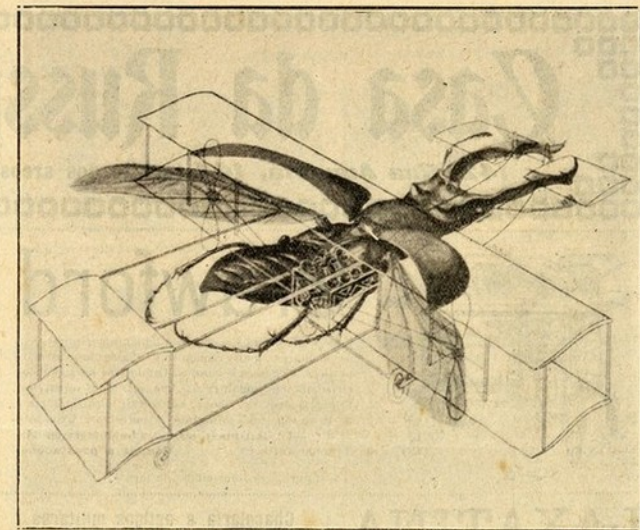
### Contra o vento; as velas içadas!

Quando se observa uma aguiá m'rinha, empoleirada no alto de um rochedo, pôde vêr-se que, para deixar o ponto onde pousa, a ave espera, á beira do abismo, que o vento se eleve; então, deixa-se cair para deante, com as azas estendidas, faz alguns movimentos com ellas voltando-se e aprofando ao vento, com as azas abertas, sóe assim, sem as bater uma unica vez, a muitas centenas de metros de altura. Que mysterio é este?

Leonardo da Vinci penetrára-o já no século XV: «As aves d'arribação, escreveu elle, vôm contra o vento; são levantadas por elle como a vela contra a cunha...» Effectivamente, para pairar, o passaro estende as azas o mais que pôde, voltando-se contra o vento e colloca-as de maneira que as correntes d'ar, tomanto-as por baixo, façam com o seu plano um certo angulo. O vento sustem assim o pezo do corpo e determina, ao mesmo tempo, o movimento para deante. Se o impulso é mais forte que o necessario para obter estes dois effectos, produz-se um terceiro: a ave sobe no espaço sem ter que bater as azas. Se o ar acalma de repente, haverá queda, mas queda extraordinariamente lenta, pois Drzewicki calculou que um passaro que paira a 1:000 metros de altura no momento em que começa a descer, tendo as azas immovéis, pôde, dando-lhe a inclinação mais favoravel, não tocar o sólo senão a uma distancia horizontal de 23 kilometros!

### Ha questão do equilibrio

Os saltos do vento, os turbilhões atmosphericos são, naturalmente, grandes perturbadores do vôo e bem poucas vezes conseguem lutar contra a tempestade. As grandes aves marinhas não tem, tanto quanto se diz, a resistencia contra as tempestades. E, se os albatroszes se balançam sobre as vagas tempestuosas, é porque se apoiam frequentemente na agua; sendo preciso, põem-se a nado e adormecem embalados pelas ondas. Manter o equilibrio, o que é tão importante no vôo e demanda, certamente, uma enorme porção de mano-



bras instinctivas, perfeitamente adaptadas ás necessidades de momento, não é uma dificuldade para as aves.

E' necessario experiencias precisas para pôr em evidencia os movimentos compensadores que ellas tem que fazer, sobretudo com o pescoço, para modificar instantaneamente o equilibrio. Muitas experiencias se tem feito n'este sentido. Basta, por exemplo, pôr pequenos collarinhos rigidos a gaiotas, de forma a não poderem mover as vertebraes cervicaes, para que o seu vôo seja incerto e as velas frequentemente desequilibrar-se por completo.

E', pois, certo que o pescoço é uma especie de balanceteo, tão util para o vôo, pelo menos, como a cauda.

### O homem utiliza as lições dos animaes

As informações fornecidas pelos observadores dos animaes voadores, desde Leonardo da Vinci até Marey, foram infinitamente preciosas para os futuros aviadores. D'essas informações tiraram elles dois conhecimentos importantes. Uma era que, para voar, seria sufficiente que o homem deslocasse horizontalmente, com uma velocidade que se podia já calcular, um plano d'umas certas dimensões, ligeiramente inclinado sobre o horizonte, sendo a parte anterior mais elevada e que, além d'isso, o motor mais pratico, aquelle que se devia, pelo menos, experimentar em primeiro logar, era um motor com helice.

O mesmo é dizer que seria necessario, para construir machinas voadoras, inspirar-se nas grandes aves que pairam, quanto á superficie sustentadora e no movimento helicoidal do insecto quanto ao meio propulsor.

Em certas circunstancias favoraveis, o vento poderia ser utilizado pelos homens voadores; mas, na maioria dos casos, o impulso poderoso da helice creia indirectamente uma corrente d'ar sob a superficie sustentadora dos aparelhos; porque, quer o vento sopra contra nós, quer nós avancemos fendendo o ar calmo, o resultado é o mesmo: produz-se, relativamente a nós, uma corrente aerea. Seria, portanto, bastante que a força da propulsão da helice fosse superior á dos ventos vulgares, para que os aeroplanos possessem evolucionar livremente em todas as direcções.

Era o sonho que deviam vir a realizar, em França, Santos Dumont e, na America, os irmãos Wright, com os seus aeroplanos munidos de motores de explosão. Estes dois aparelhos admiraveis eram biplanos; tinham dois pares d'azas sobrepostas, disposição á qual se attribuiu, de principio, o brilhante successo dos seus pilotos. Mas isto parece que era um erro, que todos vôo reconhecendo.

O tipo «Blériot» é, de todos os aeroplanos actuaes, o que mais se aproxima do aspecto d'um passaro pairando. E' constituído por um fuselagem em madeira, de 7 metros de comprimento, que figura o corpo da ave, e sobre o qual estão fixas as azas. Motor e piloto, representando o coração e o cérebro, estão collocados á frente. As azas são formadas por um esqueleto de madeira, com nervuras, sobre as quaes assenta uma tela forte. O leme de direcção, analogo ao d'um navio ou á cauda de um peixe, está collocado verticalmente, na extremidade posterior do fuselagem. O leme de profundidade é um plano horizontal fixo, sustentando dois pequenos planos moveis e podendo fazer variar a altitude do aparelho mudando o angulo de incidencia das azas.

Para voar, o aviador procede com uma ave de vôo pesado, collocado sobre um terreno plano. A ave corre, o homem faz rolar sobre a terra o seu aparelho; depois, levantando o bico para o céu, o homem pade seguir um plano inclinado invisivel e eleva-se...

### Mais alto, sempre mais alto!

Os aviadores, n'uma lucha terrivel e mortifera, tem o delirio da altitude. Hontem mal se elevavam de terra poucos metros; hoje sobem a milhares de metros!

Ha dois meios de aumentar a altitude atingida por um aeroplano. O primeiro consiste em forçar a marcha do motor; com effecto, n'este caso, a velocidade não se accelera como a d'uma machina que caminha sobre a terra ou a da machina d'um navio; a velocidade fica sempre aquella que é necessaria para assegurar a sustentação, mas o excesso de energia é empregado n'um aumento de elevação.

O segundo meio consiste em manobrar o leme de profundidade, mudado assim o angulo de incidencia das azas com o horizonte.

Mas nem sempre se pôde forçar a marcha do motor. Por outro lado, as manobras do appendice caudal são frequentemente perigosas, pois podem comprometter o equilibrio e determinar tambem rupturas d'este aparelho delicado, que seria vantajoso deixar rigidas nas futuras machinas de voar.

D'uma maneira geral, o espectáculo dos animaes que voam fornece aos engenheiros ensinamentos d'um valor inapreciavel. Seria sempre impossivel, sem duvida, egual o equilibrio admiravel da ave ou do insecto e, sobretudo, as suas mudanças rapidas e bruscas de direcção, mas aquelles que melhor souberem interpretar a sua maneira de voar, obterão a solução mais feliz do problema da aviação.

## AVIAÇÃO

Os premios que em 1911 hão de ser disputados em Inglaterra e na America

Este anno ha numerosos premios de aviação para disputar na America e Inglaterra. As mais importantes são as seguintes:

Em Inglaterra, a taça Gordon-Bennett, ganha em 1910 pelo inglez Graham White, será disputada em julho, provavelmente nos arredores de Londres.

A Volta da Inglaterra e da Escocia, dotado pelo Daily Mail com 50 contos de premios, começará em 1 de julho.

A taça Michelin, ingleza, correr-se-ha por todo o anno.

Na America, repetir-se-hão os concursos de aviação em New York, Baltimore, Boston, Nova-Orleans, Los-Angeles a provavelmente em Belmont-Park.

Disputar-se-ha tambem um premio de 50 contos de reis, o premio Hearst, para um vôo sobre os Estados-Unidos, passando por Chicago.

## Os Sports Illustrados

Preço das assignaturas

(Pagamento adiantado)	
PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES:	250 réis
3 mezes.....	500 "
6 mezes.....	1000 "
1 anno.....	18000 "
COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑA:	500 réis
3 mezes.....	1000 "
6 mezes.....	15000 "
1 anno.....	18000 "
ESTRANGEIRO:	18000 réis
3 mezes.....	5000 "
6 mezes.....	10000 "
1 anno.....	18000 réis
BRAZIL:	75000 réis
1 anno, (moeda fraca).....	75000 réis

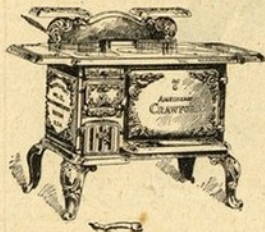


# Casa da Russia

142, Rua Augusta, 144 (predio dos arcos)

**Confecções em peles, artigos para automobilistas, capas, casacos e outros artigos impermeáveis. Estojos e malas em todos os generos.**

Telephone 932



## Crawford

Fogões de cozinha a carvão e lenha, americanos. São os melhores, mais economicos e asseados, os mais praticos, elegantes e baratos. Gandelheiros de gaz e electricidade em metal, cristal, etc., em todos os estylos. Esquentadores de banho, banheiras, toixa sanitaria e de fr ao fogo, em aluminio e porcelana. Exposição permanente: RUA DO OURO, 200, 1.ª—Empresa do Bico Nacional Aureo. **Vendas a prestações.**

Ao fazer os pedidos citar este jornal.

Para encadernar a

## “Ilustração Portuguesa”

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Também ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivos.

ADMINISTRAÇÃO DO SEculo  
Rua do Seculo, 43—LISBOA

## LAXATINA

Contra a prisão do ventre

E' o medicamento mais suave, economico, eficaz e inoffensivo para adultos e creanças. Caixa 240 réis. — Companhia Portuguesa Hygiene.

Pharmacia, Rocio, 60 a 63  
LISBOA

Chapelaria e artigos militares

Unica e antiga casa que existe no paiz

## VIUVA DE JOSÉ BUTTULLER

Bonets á militar e á paisana, guarda-chuvas, bengalas, gravatas, capacetes, espadas, charlateiras, emblemas, etc.

37, TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 39  
LISBOA

## Estomago

O carvão naphtolado granulado da Companhia Portuguesa Hygiene é de grande efficacia nos casos de dyspepsia, dilatação do estomago, embaraço gastrico, digestões dificeis, flatulencia, diarréas putridas e em geral nas fermentações intestinaes. Frasco, 500 réis.

Pharmacia, Rocio, 60 a 63  
LISBOA

CACAU, CHOCOLATE  
E BONBONS

**Iniguez**  
PEDIR EM  
TODA A PARTE

## Salão Ideal

15, Rua do Loreto, 17

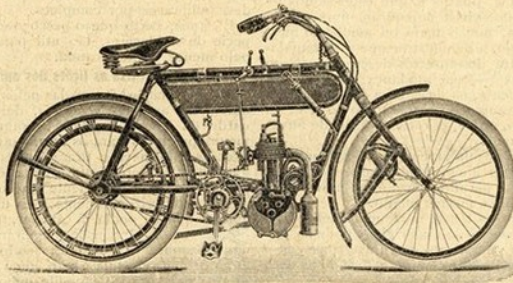
Propriedade da empresa cinematographica **IDEAL**

Projecções com a excellente machina  
**GAUMONT**

Todas as noites grandiosos espectaculos com sensacionais estreytas de filas de completa novidade em Portuga.  
A's quintas feiras deslumbrantes Spectaculos de moda. Concerto variado pelo quarteto d'ete salão.

PREÇOS

Cadeiras 120 rs.  
Geral 80 rs.



## ALCYON

Acaba de chegar nova remessa, d'esta acreditada motorcycleta, com garto elastico magneto, subindo as maiores rampas, sem auxilio de pedaes. Peso, 45 kilos completa. Pneumaticos Deumlop, reforçados. Preço de combate 2005000 réis.

Bicycletes Naumanns, Alcyon, Windsor imitação Peugeot 355000, accessorios, reparações e alngueis. Peçam catalogo á **Casa Naumann's Germania** de J. J. Bello de Almeida.

R. DO ARCO DO LIMOEIRO, 46 e 48

## Acidos Uricos

Para combater bebam Aguas da Fuente Nova, de Verin.

Deposito

## Drogaria Silverio

229, RUA DA PRATA, 231

LISBOA

## Papelaria Palhares

Grande sortimento de artigos para escriptorio, engenharia, architectura e desenho.

Fornecedores das principaes repartições do Estado.

Officinas de typographia, lithographia e encadernação.

141, Rua do Ouro, 143

## Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Composição e Impressão

Fazem-se nas officinas da

## ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcedivel perfeição

### ZINCOGRAVURA

### e PHOTOGRAVURA

Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nickelado **em cobre.**

A côres, pelo mais recente processo—o de

trichromia. **Para jornaes** com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

### STEREOTYPIA

De toda a especie de composição

### IMPRESSÃO e COMPOSIÇÃO

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

RUA DO SEculo, 43—LISBOA